

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

AFFECTIVITY IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS

Josiane Rodrigues Coelho Silva¹

Nalva Camargo²

RESUMO: Este estudo, objetiva discorrer sobre a importância da afetividade para o desenvolvimento da criança. De modo específico, tratamos esta temática pensando a primeira fase do ensino fundamental, por entender que a fase de alfabetização, requer um vínculo afetivo de maior proximidade entre docentes e discentes, vislumbrando, dessa forma, maior desenvoltura no processo de ensino aprendizagem. O estudo justifica-se por sua relevância no entendimento de como a relação professor aluno pode, a partir da afetividade, motivar diferentes formas de aprendizado, e, também, por salientar a perspectiva sócio interativa do processo de ensino. Nesse sentido, balizam este diálogo, autores como: Ribeiro (2020), Almeida; Mahoney (2014), Osti; Noronha (2017) além de outros, cuja abordagem salienta a afetividade como um conjunto positivo de interações que motivam o desenvolvimento.

Palavras Chave: Afetividade. Ensino-Aprendizagem. Lúdico. Professor. Aluno

ABSTRACT: This study aims to discuss the importance of affectivity for the child's development. In a specific way, we deal with this theme thinking about the first phase of fundamental education, as we understand that the literacy phase requires an affective bond of greater proximity between teachers and students, thus envisioning greater ease in the teaching-learning process. The study is justified by its relevance in understanding how the teacher-student relationship can, from the affectivity motivate different forms of learning and also by highlighting the socio-interactive perspective of the teaching process. In this sense, this dialogue is marked by authors such as: Ribeiro (2020), Almeida; Mahoney (2014), Osti; Noronha (2017) and others, whose approach emphasizes affectivity as a positive set of interactions that motivate development.

Keywords: Affectivity. Teaching Learning. Ludic. Teacher. Student

¹ Graduada em História Pela Universidade Estadual de Goiás – UEG. Especialista em Docência Interdisciplinaridade e Demandas Contemporâneas - UEG. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica - FABEC-Brasil.

² Professora Universitária. Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologia pela Universidade Estadual de Goiás – UEG. Email: nalvacamargodelta@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A necessidade de entender como o processo ensino aprendizagem vem se desenvolvendo, reforça também que a escola é, além de um espaço de construção contínua do saber, um lugar de interações que cotidianamente corroboram para o aprendizado e aquisição de novos conhecimentos. Nesse sentido, ao tratar sobre a afetividade no processo ensino aprendizagem, este estudo, objetiva dialogar sobre a relevância desta temática cuja perspectiva é compreender de que modo o afeto pode transformar as formas de aprender.

Diante dessa abordagem, falar sobre a afetividade, além de nos propiciar uma melhor percepção sobre o nível de afeto existente entre discentes e docentes, também contribui com nossa análise sobre o ensino, percebendo seus desafios e possibilidades, sobretudo nos primeiros anos do ensino fundamental. Assim, este artigo é fruto de uma revisão de literatura, que nos oportuniza refletir sobre a relação professor aluno no processo de ensino aprendizagem.

No decorrer desse estudo teceremos reflexões acerca da afetividade e seu papel na aprendizagem, procurando abordar o tema, que embora complexo, é salutar por tratar da relação docente e discente no cotidiano da sala de aula. Dessa maneira, entendemos que o ser humano ao participar das atividades referentes ao ensino, participa principalmente, de um trabalho baseado em relações interpessoais, em que há um compartilhar de sentimentos como: amor, motivação, ciúme, raiva, alegria, ansiedade, afeto e tristeza. A partir da relação estabelecida, tanto professor quanto aluno aprendem juntos. Através das vivências e do aprendizado compartilhado, as emoções proporcionadas, transformam os sujeitos e vai gradativamente implementando formas de ensinar e aprender.

Assim, acreditamos que a temática em questão contribui de forma significativa, para pensar o papel do professor como elemento significativo em relação ao educando para que, em diferentes fases do desenvolvimento este possa, a partir do afeto, aprender. Seguindo esse raciocínio, acreditamos que toda criança é um ser único e possui maneira própria de pensar e agir, cabendo ao professor motivá-lo desde os primeiros anos do ensino a lidar com as emoções.

O texto divide-se em três partes, em que primeiramente, discorreremos sobre a perspectiva teórica da afetividade, vislumbrando dessa maneira entender qual a função desta no ensino aprendizagem e também como forma de perceber como o afeto contribui no desenvolvimento da relação professor aluno.

Num segundo momento, o estudo por meio da temática versada, trata sobre a afetividade na aprendizagem: uma proposta de diálogo para além da sala de aula, em que discutimos a importância do afeto no desenvolvimento educacional e social, considerando que quando o aprendiz é motivado pelo afeto as interações sociais também apresentam desenvoltura substancial.

Por fim, no tópico três, nossa abordagem afetividade: a necessidade da família no contexto diário do educando, tentando assim reforçar como a família no decorrer do processo de ensino se torna importante colaborador do aprendiz, ao possibilitar o acolhimento afetivo capaz de fazer com que a criança seja amada, respeitada e possa a partir de então aprender. Além da afetividade, acreditamos que um dos fatores que de forma constante corrobora com o melhor desempenho do educando são fatores sociais, como o direito à educação, saúde, moradia e etc. assim, aprender torna-se um dos critérios que propicia ao cidadão desenvolver-se de forma contínua e em todos os aspectos.

1. A afetividade no ensino aprendizagem, perspectivas teóricas

Em diferentes momentos da vida o ser humano adquire experiências variadas que lhe possibilita aprender e a interagir social, cultural e educacionalmente, relações estas que se estabelecem no dia a dia do cidadão. Em se tratando de crianças, as relações desenvolvidas sejam no ambiente familiar, seja no contexto social, tem significativo contributo no processo ensino aprendizagem, vez que tais experiências são transformadas, em consonância com as relações sociais e familiares estabelecida, mas também em conformidade com o nível de afeto recebido pela criança ao longo de sua vida em casa ou no ambiente escolar. A esse respeito, Tassoni; Leite (2011, p. 82) entende que,

a dimensão afetiva, que inclui as emoções, opera no campo do simbólico, envolvendo os significados e sentidos produzidos, os elementos mediadores dos processos psíquicos ganham centralidade. Assim, o contexto em que as emoções ocorrem torna-se fundamental para compreendê-las, e nele o mais significativo são as experiências vividas com as pessoas. [...] embora tais experiências sejam de natureza subjetiva, isso não as torna independentes da ação do meio sociocultural, pois estão diretamente relacionadas com a qualidade das interações entre os sujeitos, como experiências vivenciadas - intersubjetividade. Dessa maneira, pode-se supor que tais experiências vão marcar e conferir aos objetos culturais um sentido afetivo.

Considerando a vertente apresentada pelos autores, pode-se dizer que a afetividade envolve diferentes fatores. Para tanto é fundamental que onde quer que a criança esteja ela seja envolvida de atenção, para que cada vez mais esta possa se desenvolver. Também reiteram que embora a afetividade seja uma questão intimamente ligada a parte subjetiva do desenvolvimento humano, esta deve ser propiciada ao longo de toda à vida do cidadão. E na infância, momento em que a criança entra em contato com o ensino mais formal é que as experiências exitosas, vivenciadas no ambiente social ou familiar pode contribuir positivamente com a melhoria do desempenho.

Nesta mesma esteira de discussões, Carvalho (2012, p. 34) pondera que, “os sentimentos, sejam esses positivos ou negativos, têm influência direta na aprendizagem e de que os meninos podem acabar desenvolvendo sentimentos mais negativos”. Conforme a abordagem, as crianças que não se sentem acolhidas ou bem incentivadas, podem ter dificuldades em aprender. Dessa forma, é possível salientar que as emoções afetivas demonstradas pela criança no decorrer da maturação e do crescimento físico, motor e etc. são ampliadas quando as experiências são positivas. Assim, grosso modo, a afetividade é fator *sine qua non* para que no cotidiano do processo ensino aprendizagem a criança possa alcançar cada dia mais desenvoltura.

Em relação à questão da afetividade, também deve ser levado em consideração no processo de aprendizagem o desempenho afetivo, pois, cada um tem o seu tempo de aprender. É muito importante no início do processo de ensino e aprendizagem, juntamente com a afetividade, buscar uma educação mais aberta estimulando a criatividade, a intuição, imaginação, levar o lúdico para dentro do contexto educacional, o que provavelmente contribui com o desenvolvimento da criança, vez que, ao fazer uso de jogos, pode com mais facilidade interagir com outras crianças e conseqüentemente com seus professores, peça fundamental na vida dos alunos, levando em consideração também a importância da família, porque a aprendizagem é pessoal, e a afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta e imutável.

Dessa forma, a afetividade tem um papel imprescindível no processo de desenvolvimento da criança, que começa a adquirir conhecimentos ainda na fase pré alfabetizatória, quando socializa seus brinquedos, objetos pessoais com outras crianças. Nesse sentido, os primeiros sinais de seu crescimento intelectual se

manifesta primeiro no comportamento e depois na expressão, pois o ser humano nunca está pronto e acabado. Dessa maneira, buscando melhor compreensão sobre afetividade no processo ensino aprendizagem autores como Bock (1999), Freire, Vygotsky (1973), Wallon (1968), Antunes (2002), além de outros, cuja perspectiva de entendimento do desenvolvimento humano estão intimamente ligados à afetividade de modo a corroborar cada vez mais com o envolvimento da criança com o ato de aprender.

Educar não quer significar apenas repassar as informações ou conduzir a criança a um caminho que o professor julga certo, sem dúvida o educador é uma peça fundamental no processo de educar de verdade, sendo um elemento fundamental ajudando o educando a tomar consciência de si mesmo na visão do eu e do outro e da sociedade na qual ele vive e o contexto social cotidiano, conforme pondera, Bock (1999, p. 124)

A aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre medida pelo outro. Não há como aprender e compreender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar no mundo a nossa volta.

Diante desse contexto abordado por Bock (1999) a preparação da criança para a escola se desenvolve dentro do conceito de inteligência emocional e confiança, curiosidade, intencionalidade, autocontrole, capacidades de relacionamento de comunicação e de cooperação. Sem o auxílio do professor isso pode se tornar algo árduo e possibilita saber que aprendemos melhor quando os assuntos nos interessam e nos quais temos prazer. Segundo afirma Marckesi (2008, p. 97-98),

O trabalho no ensino está baseado principalmente nas relações interpessoais com alunos e com outros colegas razão pela qual as experiências emocionais são permanentes. Irritação, alegria, ansiedade, afeto, preocupação, tristeza, frustração, etc. São alguns dos sentimentos que vive o professor no seu dia a dia com maior ou menor intensidade e amplitude... As mudanças na sociedade e na família, as crescentes exigências sociais, a incorporação na escola de novos grupos de alunos que deverão permanecer nela durante mais tempo, o tipo de relações sociais que se estabelecem entre os membros da comunidade educacional, a ampliação dos objetivos do ensino e as novas competências exigidas dos professores contribuem para que seja fácil compreender as dificuldades de ensinar as tensões emocionais que essa tarefa traz consigo.

Considerando a perspectiva trazida por Marchesi (2008), as relações interpessoais reforçam o princípio da afetividade, fazendo com que o aprendizado se fortaleça, pois, a criança sente confiante quando recebe do professor o carinho e a atenção necessária.

Também em relação, a esse assunto, a concepção de Wallon (1989), reitera o papel da afetividade é imprescindível no desenvolvimento da personalidade, vez que a mesma possui funcionalidade, que gradativamente se desenvolve. Assim, uma das etapas que a criança percorre em seu processo de interação social é decorrente da afetividade, a primeira de todas. Sob essa perspectiva, Wallon (1989, p. 63), assinala que o nascimento da afetividade é anterior a inteligência. Assim,

se for analisar a primeira relação com o mundo das pessoas pode ser justificada por questão de sobrevivência, em relação a expressão das necessidades alimentares e de humor que se manifesta primeiramente no comportamento, nos gestos expressivos da criança, e a inteligência está na maturidade precoce dos seus centros nervosos.

A abordagem de Wallon (1989) reforça a importância dos vínculos afetivos para o desenvolvimento físico, mas também deixa claro que em todos os aspectos do desenvolvimento humano, o afeto direciona diferentes formas de aprendizado. Vale nesse contexto, ressaltar que nem todas as funções dos órgãos do recém-nascido estão aptas desde a nascença, uns são mais precoces que outros. Sendo assim, à medida que vão amadurecendo, modificam as relações da criança com o meio, por isso é válido lembrar que não tem um tempo determinado para a criança aprender, cada um tem seu próprio tempo. Ao falar sobre o crescimento e maturação física, afetiva e emocional, Wallon (1993, p. 14),

O desenvolvimento da inteligência, em grande parte, é função do meio social. Para que ela possa transportar o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta, tornam-se necessários os instrumentos de origem social, como a linguagem e os diferentes sistemas de símbolos surgidos desse meio, constituem seus objetivos a aquisição o desenvolvimento de noções de conhecimentos existentes fora do indivíduo e que representam o patrimônio do grupo.

A perspectiva Walloniana mostra que a escola serve como alicerce para o desenvolvimento da criança, porém, ela necessita estar preparada para receber os diversos tipos de alunos, considerando que cada um leva consigo diferentes exemplos de inteligência.

Destarte às abordagens teóricas relacionadas à questão da afetividade pode-se dizer que o aluno ao despertar para o aprender busca formas variadas de ensino, que lhe propiciem além do conhecimento, satisfação pessoal. No caso de crianças, sobretudo na primeira fase do ensino fundamental, a sensação de satisfação no processo de ensino está no desenvolvimento de atividades lúdicas, vez que estas lhes possibilitam um contato mais direto com a diversão, que pode ser proporcionada pelo professor ao planejar os conteúdos de ensino. Estas experiências de articular o ensino aprendizagem de forma lúdica, contribui para que a criança perceba o interesse do professor por seu desenvolvimento e auxilia cotidianamente na ampliação do aprendizado da criança.

A partir desse contexto abordado, de que a criança para aprender precisa estar diariamente envolvida com o processo de ensino, vale dizer também que quando bem acolhida no ambiente escolar cria laços afetivos, que ampliam as chances de desenvolver mais e melhor seu aprendizado. Sentir-se bem acolhida e também sentir que tem o afeto das pessoas a sua volta, pode aprender mais facilmente, isto no decorrer do processo de ensino, contribui para que a criança esteja mais aberta e disposta a aprender. Em relação a esta questão da afetividade no ambiente escolar, Mahoney (2004, p. 17) entende que,

é pelas emoções, pelos sentimentos e pela paixão, que são sinalizadores de como o ser humano é afetado pelo mundo interno e externo. Essa condição de ser afetado pelo mundo estimula tanto os movimentos do corpo como a atividade mental. São recursos de sociabilidade, de comunicação, exercendo atração sobre o outro com o apoio do ato motor.

A perspectiva apresentada pelo autor salienta que em diferentes momentos, o afeto gera emoções que são substanciais para que o aprendizado ocorra. Independentemente, de ser na escola ou no meio social as emoções subsidiam diferentes formas de interação entre o ser humano. Assim, acreditamos que estando feliz, a criança pode descobrir o prazer de aprender. O professor diante desse contexto, além de ensinar, quando consegue transmitir o afeto, a felicidade, a alegria, propicia ricas experiências ao educando, fazendo com que estes se sintam contagiados, percebam que aprender é fundamental para que a criança se torne independente.

Ao falar sobre a afetividade, pensando as relações familiares, Marchesi (2008, p. 98) diz que

As mudanças na sociedade e na família, as crescentes exigências sociais, a incorporação na escola de novos grupos de alunos que deverão permanecer nela durante mais tempo, o tipo de relações sociais que se estabelecem entre os diferentes membros da comunidade educacional, a ampliação dos objetivos do ensino e as tensões emocionais que essa tarefa traz consigo...

Considerando a abordagem de Marchesi (2008), observa-se que um dos expoentes do desenvolvimento afetivo é a família. A partir do momento que a criança passa a frequentar o ambiente escolar, os gestos afetivos antes vivenciados apenas no ambiente familiar, são compartilhados com o ambiente escolar, sobretudo, quando os professores e alunos interagem de forma mais afetuosa. Nesse contexto, o professor lida com as emoções dos educandos e também com as suas, reconstrói seu fazer docente e promove melhorias no ensino aprendizagem. Todavia, vale dizer que o desenvolvimento profissional dos docentes, é norteado por interações sociais com outros docentes, além de também ser conquistado por meio de uma formação contínua social, cultural, intelectual e humana.

A compreensão e as reflexões acerca da perspectiva emocional e afetiva dos professores pensada a partir da abordagem de Hargreaves (2004, p. 105) mostra que, “[...] quando os professores não conseguem seus propósitos, sentem ansiedade, raiva, culpa e outras emoções negativas”. Assim sendo, não há dúvidas de que o conhecimento, o afeto, assim como o aprimoramento contínuo do professor, são elementos essenciais que articula a relação professor aluno de modo a transformar a atividade educativa de maneira que as emoções docentes sejam uma influência que motive no educando o desejo em aprender.

Fica claro mediante estas discussões realizadas, até o momento, que a afetividade é fator *sine qua non* para o desenvolvimento do aprendizado, não só no ensino fundamental, mas no decorrer do processo ensino aprendizagem. Assim, entender o que é afetividade e como esta se desenvolve em cada contexto pode nos ajudar a compreender como o afeto no ambiente escolar favorece a melhoria o aprendizado das crianças, considerando que a primeira fase do ensino fundamental é a continuação de uma fase de aprendizado que se dá de forma lúdica, que é a educação infantil.

Dessa forma, o carinho recebido ao longo da educação infantil, de maneira afetuosa, tende a continuar ao longo do ensino fundamental, de modo que

amplie cada vez mais o aprendizado da criança e potencialize a aquisição de novos conhecimentos no dia a dia.

Também nessa mesma esteira de discussão, convém lembrar que a afetividade não só no processo de ensino, mas em diferentes momentos da evolução humana, propicia, de maneira prazerosa, condições para que o ser humano se envolva em experiências. E isto, no contexto escolar pode ser também, cotidianamente, construído à medida que a relação professor-aluno implemente as condições necessárias para que a criança se sinta acolhida, e, de modo afetuoso deixe fluir seu interesse pelo aprender. Assim, Ribeiro (2010, p. 6) entende que,

A relação afetiva professor-aluno pode se exprimir de maneira perversa quando, por exemplo, um professor, para manter o controle da classe, permite a um aluno, que é seu aliado, agredir seus pares, humilhando e ridicularizando, diante de toda a classe, as crianças que chegam atrasadas. Convém assinalar, todavia, que essas cenas representam um excesso de autoritarismo e de intolerância por parte de professores e que elas podem constituir casos isolados não representativos daquilo que se passa habitualmente no cotidiano da maioria das salas de aula.

Observa-se na perspectiva apresentada pelo autor, que o desenvolvimento intelectual da criança, já em contexto escolar pode ser ampliado à medida que a relação desta com o professor seja recíproca. Nesse entendimento, a afetividade pode, de maneira gradativa, corroborar na aquisição de novas experiências de aprendizado e fazer com que cada dia mais a criança aprenda e socialize com outras crianças e também com adultos, dentro e fora do ambiente escolar.

Destarte a estas considerações, observa-se em relação ao contexto afetivo, que as profundas mudanças na sociedade, bem como, as novas expectativas sociais concernentes à profissão docente, tem conferido ao professor uma maior complexidade, na medida em que mobiliza condições de múltiplas racionalidades e requer desse profissional saberes disciplinares, culturais, éticos e afetivos, para lidar com diferentes alunos e assim possa contribuir com seu aprendizado diário. Assim, uma das consequências que decorrem dessa situação é a revisão, em centenas de países, que investem cada vez mais nos programas de formação de professores, que passam de um modelo centrado sobre os objetivos ligados aos conteúdos disciplinares a um modelo cujo eixo é o desenvolvimento das competências profissionais para lidar com crianças, considerando, pois, a necessidade específica de cada uma.

Autores como Ribeiro (2010) Zagury (2002) asseveram a necessidade de desenvolver competências profissionais considerando também a dimensão afetiva na formação dos professores, isto é, as competências relacionais que tendem a propiciar maior empatia na relação professor aluno. Diante dessa perspectiva, diferentes órgãos ligados à educação, tendo em vista a necessidade de implementar melhoria significativa, elaborou uma série de medidas visando a modernizar o sistema de educação e a assegurar uma formação de base mais adequada aos professores e ao mesmo tempo ampliar as discussões acerca da afetividade no contexto escolar.

Estas discussões mostram que entre outras ações, é fundamental pensar a educação escolar como um processo contínuo que diariamente se transforma. Desse modo conforme pondera Brasil (1999, p. 25)

As diretrizes concernentes à formação dos professores, assinalam que uma educação de "qualidade" deve desenvolver, nos aprendizes, diferentes capacidades "cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal". Esse documento coloca que o estabelecimento de relações afetivas repercute no trabalho educativo e que somente os professores que valorizam o estabelecimento dessas relações criam as condições necessárias à integração social dos seus alunos

Observa-se a partir das discussões sobre a formação de professores que é fundamental entender a necessidade cognitiva do aprendiz, vez que este é decorrente de experiências distintas adquiridas de maneira diária, tanto para o professor quanto para o educando.

Ao falar sobre a afetividade no contexto escolar, é importante mencionar também que há aspectos essenciais a serem trabalhados de maneira compartilhada, entre famílias e a escola. São aspectos como o cuidar e o educar que são de maneira dinâmica ações desenvolvidas dentro e fora do ambiente escolar. Assim, para que tais dimensões da afetividade sejam ampliadas é fundamental que escola e família mantenham relações recíprocas que favoreçam cotidianamente o desenvolvimento da criança.

A partir das abordagens tecidas até o momento observa-se que a afetividade está presente de maneira constante, na vida do ser humano. Na relação professor-aluno, a afetividade quando nos referimos especificamente à sala de aula, supõe-se que, nesse espaço, os alunos vivenciam experiências em sua maioria de natureza afetiva que determinarão a futura relação que se estabelece entre eles e os diversos objetos de conhecimento. Nesse sentido, é importante que haja uma

mediação de qualidade por parte do professor que pode gerar diferentes tipos de sentimentos na relação com a criança.

Nesse contexto, o trabalho concreto do professor em sala de aula, promove distintas formas de interação com os alunos, conforme as estratégias utilizadas para abordar os conteúdos, observando-se cada tipo de atividade que propõe. Desse modo, os procedimentos de correção e, avaliação, por exemplo, certamente tem uma influência decisiva na construção da relação professor-aluno, que ao longo do processo de ensino aprendizagem vai se transformando.

Mediante esta abordagem, as considerações de Wallon (1968; 1989, p. 47) reforçam que,

as relações existentes entre as dimensões afetivas, cognitivas e motoras no desenvolvimento humano. O autor diferencia os termos afetividade e emoção, que muitas vezes são utilizados como sinônimos. As emoções, são reações organizadas que se manifestam sob o comando do sistema nervoso central. Para o autor, as emoções são estados subjetivos, mas com componentes orgânicos, sendo, portanto, sempre acompanhadas de alterações biológicas como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, secura na boca, mudança na resposta galvânica da pele, dentre outras. Frequentemente, também provocam alterações na mímica facial, na postura e na topografia dos gestos.

Conforme as proposições de Wallon (1968), percebe-se que o desenvolvimento da criança ocorre em diferentes momentos, sendo acrescido de interações que podem se dar no ambiente doméstico, no ambiente escolar e também na sociedade. Para tanto, é fundamental considerar que em cada espaço as questões emocionais estão presentes, podendo ser utilizadas como contributo para o desenvolvimento e o aprendizado. Assim sendo, afetividade e emoções, são aspectos que alicerçam o processo ensino aprendizagem e podem ajudar a transformar as formas de ensinar e aprender.

Há que se mencionar também que como contributo do desenvolvimento escolar, a afetividade nas relações estabelecidas no contexto escolar entre professor e aluno são questões amplamente discutidas e analisadas a várias décadas, por estudiosos que acreditavam ter nesse sentimento a chave para uma educação eficiente e que pudesse contribuir com a ampliação dos níveis de desenvolvimento da criança, além de ser também uma proposta capaz de transformar os sujeitos e torná-los, conseqüentemente, preparados para conviver com as multiplicidade de informações e com aspectos diversos na economia, sociedade, cultura e também em outros aspectos.

Por fim, em relação a essa questão da afetividade na relação professor-aluno, é bastante clara a prerrogativa para que as relações entre os mesmos sejam construídas e permaneçam alicerçadas a partir do respeito mútuo e reflita consequentemente no processo de ensino e aprendizagem. Considerando que todo sujeito, quando é motivado e interage afetiva, motora e cognitivamente, alcança com mais facilidade os objetivos propostos pela escola, que seriam o desenvolvimento parcial e/ou integral.

1.2. A afetividade na aprendizagem: uma proposta de diálogo para além da sala de aula

No decorrer de nossa discussão, tratamos sobre a vertente teórica da afetividade. Pensando a aprendizagem, a partir desse tópico, nosso estudo, aprofunda-se um pouco mais nesse assunto, tentando entender como a afetividade se torna fundamental para o desenvolvimento humano. Pensando nisto, ampliamos nosso diálogo, versando sobre essa temática também no contexto além da sala de aula. Uma vez que a criança convive em diferentes espaços, e, em todos eles há a necessidade de interagir e se relacionar de forma afetuosa com outros sujeitos. Assim, se analisarmos que um dos ambientes mais comuns de convívio da criança é a família, perceberemos como é importante a manifestação de afeto em todos os espaços.

É na família que os primeiros conceitos de cultura, de afeto, carinho, de bondade de socialização, além de outros são introduzidos. Esses conceitos são compartilhados, pela criança, ao longo de sua vida e trazem consigo diferentes manifestações de afeto que são levados para dentro da sala de aula e compartilhados com o professor, com outros alunos e também são vivenciados de modo interativo no contexto social. A afetividade faz parte de um processo que o ser humano desenvolve conforme o ambiente acolhedor que convive. Diferente da cognição, são dois fatores inseparáveis nas ações simbólicas e sensório-motoras. É como se a criança para sentir afeto ela precise desenvolver sua cognição³,

³Piaget (1983), define cognição como uma forma de adaptação biológica na qual o conhecimento é construído aos poucos a partir do desenvolvimento das estruturas cognitivas que se organizam de acordo com os estágios de desenvolvimento da inteligência. Assim, desenvolvimento cognitivo está ligado aos processos de assimilação e acomodação que promovem o equilíbrio que varia de acordo com a idade. (PIAGET, J. *A epistemologia genética: sabedoria e ilusões da filosofia*, problemas de psicologia genética. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983).

demonstrando assim diferentes emoções, inclusive emoções que motivam o aprendizado.

O desenvolvimento humano, aqui tratado, especificamente o da criança, mostra que aprender faz parte de sua rotina, pois desde que nasce, vai adquirindo habilidades que se transformam diariamente e estas habilidades, norteadas por diferentes formas de afeto, são fundamentais para que haja aprendizado formal, ou seja, aprendizagem desenvolvida por meio da participação no processo de ensino aprendizagem. Nesse contexto, Vygotsky (1984) e Wallon (1993), descreve o caráter social da afetividade, sobretudo considerando que a relação entre afetividade e inteligência, são elementos indissociáveis para que, cotidianamente, o aprendizado ocorra gerando desenvolvimento da criança, em diferentes momentos de sua vida.

Para desenvolver tais habilidades, dentro da sala de aula e também no contexto social (casa, igreja e sociedade) é importante que a criança receba atenção, vez que não é apenas na sala de aula que o aprendizado se dá. É substancial que em distintos espaços em que a criança interaja, esteja cercada de emoção e afeto, de modo que encontre na família, na sociedade e na escola, a base necessária para aprender. A esse respeito, Chalita (2004, p. 26) compreende que “A família é essencial para que a criança ganhe confiança, para que se sinta valorizada, para que se sinta assistida”. Essa percepção reforça a importância de em diferentes fases do desenvolvimento a criança receba carinho, atenção e afeto.

Continuando nossa abordagem acerca da afetividade, entendendo a relevante contribuição dada pela escola para que esse processo se amplie, acreditamos que deve haver continuamente uma complementação da atividade educativa entre a família e a escola. Isto porque, ambas as instituições fazem parte do contexto sócio educativo do qual a criança participa e por isso elas se complementam e alicerçam as experiências para a formação integral do educando. Entretanto, vale considerar que uma não substitui a outra, ambas têm papel significativo na construção cotidiana do aprendizado.

A percepção de que a afetividade tem especial contributo no aprendizado da criança e que esta ultrapassa a realidade da sala de aula, ajuda-nos a entender que a afetividade é uma forma de representação social, na qual cada ser humano está envolvido e se fundamenta de modo teórico, pois o sujeito convive em distintos espaços. Assim sendo, conforme Moscovici (2010, p. 94),

os fundamentos desse estudo encontram-se na Teoria das Representações Sociais por esta possibilitar uma leitura pertinente ao contexto das relações e por considerarmos que sua utilização pode contribuir para um entendimento efetivo de sentimentos, percepções e valores nem sempre explicitados pelos sujeitos que os compartilham.

Pode-se dizer que ao tratar a afetividade como uma representação, Moscovici (2010) abre caminho para uma discussão mais ampla sobre o processo ensino aprendizagem, isto porque quando lidamos com o ensino, cada forma de aprendizado adquirido pela criança é visto como uma forma de representar o mundo a sua volta. Nesse sentido, ao ser envolto de modo afetivo a aprender, a criança apropria-se de uma forma de representar que considera a forma como é tratada, tanto para as experiências positivas, quanto para as negativas.

De acordo com essa perspectiva, o afeto como contributo do processo de ensino aprendizagem, ultrapassa os limites do ambiente educativo, pois constitui-se de experiências vivenciadas no cotidiano da criança em formação. Portanto, são estas vivências que se dão dentro e fora da escola que fazem com que as representações da criança se tornem aprendizado para a vida. Do mesmo modo, quando as relações Inter e intrapessoais não ocorrem de forma afetiva, é mais difícil a criança representar as situações a sua volta de maneira positiva, e algumas até apresentam dificuldades para envolver-se com o aprendizado.

Assim, para que as relações afetivas se desenvolvam é fundamental que haja uma boa interação entre escola e família, e esta não seja meramente nas reuniões formais, quando os contatos ocorrem rapidamente. As relações desenvolvidas dentro e fora da escola, podem determinar no decorrer do processo de ensino, o fracasso ou sucesso escolar da criança. Assim, ao ser influenciada por manifestações de carinho e afeto a criança pode, ao longo da vida, apresentar e representar suas emoções, adquirindo cotidianamente conhecimentos que lhe auxiliem para a vida.

Diante dessa vertente, ao tratar sobre a questão da afetividade, Moroz et al (2002, p. 56) assevera que,

a afetividade foi discutida sob o pressuposto de que, para a construção do conhecimento, o sujeito deve se envolver com o objeto de estudo, atribuindo significações a ele (objeto). É nesse momento que se percebe a articulação entre o domínio afetivo e o cognitivo. A afetividade é considerada como o combustível que leva o motor a funcionar; ou seja, traz a possibilidade de acelerar ou atrasar os processos de desenvolvimento da inteligência.

A partir da abordagem dos autores, observa-se que o conhecimento adquirido diariamente pela criança é fruto das interações e também das relações afetivas que se estabelecem cotidianamente, transformando a forma como as crianças aprendem. Assim sendo, acreditamos que as variadas formas de desenvolvimento alcançadas pela criança, são subsidiadas por distintas interações que se dão dentro e fora do ambiente escolar.

A partir dessas abordagens, vale dizer que a ludicidade, pode de maneira significativa, corroborar com a implementação de atividades que instiguem o afeto, dentro e fora do ambiente escolar. A palavra lúdica segundo o dicionário Aurélio, vem do latim *ludus* e significa brincar, mas esse “brincar” estão incluídos os jogos, os brinquedos pedagógicos, a interação e o divertimento. É bem relativo na conduta de jogar, brincar e se divertir, essa função de educar através do jogo, buscando oportunidade de aprendizagem do indivíduo no seu saber, conhecer, e compreender o mundo. Nesse entendimento, as atividades lúdicas podem, cotidianamente, implementar o desenvolvimento de ações que conduzem a criança a aprender, e também é um processo que favorece a ampliação das relações afetivas.

Nesse sentido, observa-se que a afetividade ganha espaço e torna-se valorizada dentro do processo de ensino e aprendizagem, vez que assim como o lúdico possibilitam à criança desenvolver-se cotidianamente, além de potencializar a formação do ser humano e o prazer pelo aprendizado. Diante do exposto, Vygotsky (1984), ao falar sobre a questão do lúdico, salienta três características na brincadeira: a imaginação, a imitação e a regra. E estão presentes em todos os tipos de brincadeiras infantis, nas tradicionais, ou naquelas de faz-de-conta e nas que exigem regras. Compreende-se pela abordagem de Vygotsky (1984) que as representações afetivas tornam-se mais amplas por meio da ludicidade.

Já Piaget (1973), demonstra que o jogo tem importância fundamental para assimilação do real, e, com isso, o desenvolvimento da criança, quando esta é estimulada por jogos ou brincadeiras que imitam a vida real, tem maior significado na construção simbólica do indivíduo. Nesse caso pode-se dizer que o jogo é parte do processo de descoberta que a criança tem. O jogo se torna importante à medida que é planejado e estimulado em diferentes ambientes onde a criança convive, pois cria mecanismos e oportunidades de ludicidade dentro da sala de aula.

Assim, entendendo que as relações sociais, afetivas e educacionais desenvolvidas pela criança, a partir de seu contato com a escola, pode propiciar

formas variadas de aprendizado, sobretudo se estas estiverem alicerçadas por experiências vivenciadas e compartilhadas nos diferentes ambientes, nos quais, a criança convive. Dessa maneira, Nascimento (2013, p. 37), pondera que,

o papel da dimensão afetiva nas práticas pedagógicas mostram-se importantes, pois, ainda hoje, o trabalho pedagógico vem sendo tratado como se as decisões docentes, em sala de aula, envolvessem apenas a dimensão cognitiva do aluno, desconsiderando-se o aspecto afetivo.

Considerando, pois, a perspectiva apresentada por Nascimento (2013) em relação ao papel da afetividade, pode-se dizer que de maneira relevante o aprendizado, assim como a socialização e as interações potencializam de forma variada, para cada sujeito, condições para que diariamente se estabeleçam novas formas de viver e conviver, e estas estão, intimamente, ligadas à forma como cada sujeito é tratado e pode, a partir deste tratamento, demonstrar seu desenvolvimento dentro e fora do ambiente escolar.

Na esteira destas discussões, observa-se que o desenvolvimento da criança, motivado dentro do ambiente escolar, vai além deste espaço, pois se amplia na sociedade, quando interage com outras crianças e também com pessoas adultas. Nesse entendimento, as vivências afetivas que são geradas nas relações entre professores e pais há um conjunto de variáveis que intervêm, no processo de aprendizagem, procurando dessa forma, viabilizar maior desenvoltura da criança, dentro e fora do ambiente escolar.

Destarte a essas considerações, vale dizer que apesar dos esforços, tanto da escola quanto da família, em promoverem ações de continuidade do processo de ensino aprendizagem, há barreiras que geram descontinuidade e conflitos na integração entre estes dois importantes sujeitos do processo de ensino. Uma das dificuldades na integração família-escola é que esta ainda não comporta, em seus espaços educativos, sociais e de interação, os diferentes segmentos da comunidade e, por isso, não possibilita uma distribuição equânime das competências, nem tão pouco das responsabilidades que ambas devem compartilhar.

Diante desse contexto, Carneiro (2003, p. 67) afirma que:

a mudança deste paradigma depende de uma transformação na cultura vigente da escola e que o projeto político-pedagógico poderia ser um dos meios para promover esta inserção. Ainda, as formas de avaliação adotadas, bem como as estratégias para superar as dificuldades presentes

no processo ensino-aprendizagem, de maneira a incluir a família, exigem que as escolas insiram essa discussão no projeto pedagógico, como forma de assegurar a sua compreensão e efetivar a participação dos pais que é ainda um ponto crítico na esfera educacional.

Conforme as ponderações de Carneiro (2003), uma das propostas para fazer com que a aliança família e escola possa balizar cada vez mais o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor está na implementação de ações viabilizadas pelo projeto político pedagógico da escola. Nesse entendimento, a inclusão, bem como a socialização das atividades desenvolvidas em casa e também na escola. De acordo com essa abordagem, Soares (2000, p, 46) considera que,

apesar de a escola desenvolver aspectos inerentes à socialização das pessoas e ser responsável pela construção, elaboração e difusão do conhecimento, ela vem passando por crises vindas do cotidiano, que geram conflitos e descontinuidades como a violência, o insucesso escolar, a exclusão, a evasão e a falta de apoio da comunidade e da família, entre outros. Neste caso, o cenário político passa a exercer uma influência preponderante para a solução das crises, que extrapolam o cotidiano das escolas. Para superar os desafios que enfrentam, hoje, uma das alternativas é promover a colaboração entre escola e família

As ponderações de Soares (2000) destaca que as transformações sociais vivenciadas pela sociedade contemporânea, ressaltam que o contexto vivido pelo ser humano repercutem diretamente no contexto escolar e que propiciam formas distintas de aprendizagem, que devem cotidianamente ser compartilhadas pela família e pela escola.

Há que se ressaltar ainda, que embora os esforços para promover cada vez mais a interação entre família e escola no processo de melhoria do desenvolvimento do aprendizado da criança sejam coletivos. Muito ainda há a se fazer, sobretudo, quando observamos os desafios da aprendizagem contemporânea, tanto no que se refere aos aspectos físicos, como no que se refere à questão sócio escolar. Assim, a afetividade é vista por estudiosos de diferentes áreas como um mecanismo dinâmico para que o aprendizado possa ultrapassar as barreiras do ensino e possa de fato auxiliar na evolução diária da criança.

Por fim, em relação à questão da afetividade na aprendizagem, uma proposta de diálogo para além da sala de aula possa deixar de ser apenas uma proposta e viabilize cada vez mais a qualidade no ensino e das relações entre escola, família e alunos. Os laços afetivos devem estar estruturados e consolidados possibilitando que ao longo de seu crescimento e maturação intelectual a criança

lide com conflitos e aprenda a resolver os problemas sendo auxiliadas pela família e pela escola.

Isso, grosso modo, reforça a importância de se pensar a afetividade para além dos muros da escola e da família, pois só assim, a criança tenha desenvolvimento, característicos da família e também dos distintos grupos da escola, com quem a criança convive diariamente. Nesse sentido, a afetividade tem repercussões diretas na sua experiência educativa e psicológica, dependendo do nível de desenvolvimento e demandas do contexto em que a criança vive e da escola, quando cada sujeito adquire maior grau de autonomia e independência comparado ao que tinha em casa, o que amplia seu repertório social e círculo de relacionamento. Por isso é fundamental ultrapassar os espaços escolares, partindo para diferentes espaços sociais.

1.3 Afetividade: a necessidade da família no contexto diário do educando

Em todos os momentos do desenvolvimento humano, a família representa a base na qual se constrói as diferentes experiências do sujeito. No caso específico da discussão aqui empreendida, tratamos sobre a criança e as experiências compartilhadas ao longo da vida, sobretudo aquelas que são estabelecidas a partir da afetividade, compreendendo esta como um processo contínuo, sobretudo no ambiente familiar.

A família, como sustentáculo do crescimento e da maturação da criança, tem como responsabilidade ajudar a criança a aprender continuamente, e para que isso ocorra ao longo da vida da criança, é fundamental que esta seja cercada de cuidados, carinho e de muito afeto, que cotidianamente serão transformados em conhecimentos. Assim sendo, ao versar sobre as responsabilidades da família em relação ao contexto afetivo e sua importância na formação intelectual do cidadão, Rego (2003, p. 36) diz que,

a escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão. Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e

apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo.

Fica claro, a partir da perspectiva abordada por Rego (2003), que tanto a família quanto a escola são responsáveis por instigar na criança diferentes formas de aprender e ensinar que tenham como princípio o afeto. Nesse contexto, a participação da criança em todas as atividades desenvolvidas, na família, deve ser incentivada, para que além de instigar o crescimento, o aprendizado e a aquisição de habilidades e de novos conhecimentos, é fundamental que haja por parte dos adultos gestos afetivos.

É no ambiente familiar que as primeiras experiências para aprender acontecem e é também nesse ambiente que as principais manifestações afetivas, abrem espaços para que o saber se amplie e também para que novas habilidades vão surgindo cotidianamente. Assim sendo conforme esta perspectiva Eisenberg & Cols. (1999, p. 26),

os laços afetivos formados dentro da família, particularmente entre pais e filhos, podem ser aspectos desencadeadores de um desenvolvimento saudável e de padrões de interação positivos que possibilitam o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes de que participa. Por exemplo, o apoio parental, em nível cognitivo, emocional e social, permite à criança desenvolver repertórios saudáveis para enfrentar as situações cotidianas.

Observa-se nas considerações de Eisenberg & Cols (1999) que os laços afetivos tem como função propiciar as condições necessárias para que diariamente a criança se desenvolva, sobretudo no contexto de ensino. Aprender é uma prerrogativa das experiências humanas e, embora tais situações nem sempre sejam favoráveis ao aprendizado, quando a família manifesta afeto para com a criança fica mais fácil para esta desenvolver novas habilidades.

Destarte a estas considerações, compreende-se que o indivíduo como ser social que é, necessita das interações para aprender, para desenvolver no início da vida, na família depois na escola, no trabalho, na vida social e o desenvolvimento do ser humano como um todo, mas acima de tudo, é preciso compreender que o amor, afeto e respeito são necessários para que a criança possa ao longo de sua vida aprender.

Nesse mesmo entendimento, é significativo perceber a importância da participação da família nas tomadas de decisões, no ambiente escolar, todavia, muitas nem sabem como se valer desses direitos, ou não se importam com as ações implementadas pelas instituições de ensino para desenvolverem atividades que favoreçam a aplicação de atividades de ensino, que potencializem novas experiências de aprendizagem. Desse modo, é fundamental que haja uma mudança nas atitudes dos pais e professores, entendendo que essa relação harmônica corrobora, diariamente, com o desenvolvimento físico, motor, cognitivo e afetivo da criança.

É fundamental que as relações estabelecidas no ambiente escolar sejam cada vez mais ampliadas, de modo que as principais medidas relacionadas ao desenvolvimento do educando sejam tomadas. Assim, decisões importantes ocorridas na escola, tendem a ser solucionadas conjuntamente. Dessa forma a educação tornará mais eficaz o resultado do ensino aprendizagem do discente.

Conforme as abordagens realizadas, observa-se que o desenvolvimento inicial de todo indivíduo ocorre no ambiente familiar, vez que é nessa instituição, a mais antiga da sociedade que as primeiras relações sociais, o contato com o outro se realiza. É também na família, que diferentes formas de ensinar, se desenvolve, estimulando a criança a adquirir diariamente novas experiências e possa assim aprender. É diante da família e também da escola que a criança desde suas primeiras fases de desenvolvimento, conseguem perceber as mudanças que vêm acontecendo na família e na sociedade, grosso modo. Nesse sentido, ao falar sobre as variações sofridas por essas duas importantes instituições Polônia (2005, p. 48) entende que,

no decorrer da história brasileira, a família vem sofrendo uma transformação importante, que se identifica com o contexto social, político, econômico de uma nação. Muitas transformações ocorreram praticamente em todas as esferas, mas nem por isso as famílias ficaram totalmente independentes. O pai sempre era visto como verdadeiro proprietário de riquezas materiais, o condutor e de fácil controle social. Sua obrigação era trazer alimentos para dentro da casa, ficando a mulher para cozinhar e cuidar dos filhos. O casamento era destinado sobre interesse econômico, laços sanguíneos e submetidos a quantos filhos pudesse gerar, voltada a um olhar tradicional e autoritário, sob pena cruel estabelecida pelos pais no ato de desobediência.

Percebe-se que o desenvolvimento técnico, social e científico propalado por Pequeno (2003) influencia diretamente no contexto familiar e também no escolar. As variações ocasionadas no cotidiano da sociedade reforçam uma

tendência de mudanças nas estruturas familiares e escolares, que demandam atenção cotidiana dos pais e professores. Desse modo, o aprendizado, seguindo a lógica das transformações, também tende a se modificar, postulando com isso, o engajamento de todos os sujeitos do processo de ensino, para que de maneira afetiva, lúdica e despojada, seja possível oferecer gradativamente condições de desenvolvimento de todas as crianças.

É salutar dizer que o desenvolvimento cognitivo, afetivo, psíquico e social, ocorre mais facilmente quando os laços afetivos são capazes de assegurar apoio psicológico e social entre os membros familiares e também da sociedade à sua volta. Desse modo, todos os sujeitos do grupo familiar podem contribuir para que a criança não se envolva em situações de estresse e possa desmotivar-se em relação ao aprendizado. Para que isto ocorra, é fundamental que as relações familiares sejam intrinsecamente uma rede de apoio que possa ser continuamente utilizada. Dessa forma, o sentimento de pertença, da criança no seio da família, deve ser acolhedor, assim ela se sentirá protegida e pronta para aprender diariamente.

Destarte a esse contexto, acreditamos que quando a família e a escola mantêm relações harmônicas, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas. Assim, pais e professores devem ser estimulados a discutirem e buscarem estratégias conjuntas e específicas ao seu papel, que resultem em novas opções e condições de ajuda recíproca. A escola deve reconhecer a importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar dos alunos e auxiliar as famílias a exercerem o seu papel na educação, na evolução e no sucesso profissional dos filhos e, conseqüentemente, na transformação da sociedade.

As famílias por sua vez devem contribuir para que a escola possa propiciar condições de aprendizado que fortaleçam o desempenho físico, motor, afetivo e intelectual dos educandos. Nesse contexto, é *sine qua non* que família e escola possam trabalhar juntas, vislumbrando diariamente a melhoria do aprendizado do educando em diferentes momentos de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discorrer sobre a afetividade como contributo do processo ensino aprendizagem, possibilitou-nos compreender melhor como em diferentes momentos

do desenvolvimento humano a criança, como sujeito do processo de ensino aprendizagem, aprende. Buscamos então neste diálogo refletir sobre o quanto o entendimento do que é a afetividade no processo ensino e sua convivência familiar e também na escola pode influenciar na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo do sujeito.

Outro fator que ficou também esclarecido em relação à afetividade, diz respeito à relação professor/aluno, de modo que o professor torna-se um incentivador do aprendizado e também da socialização entre uma criança e outra. As ferramentas que o professor dispõe para incentivar o desenvolvimento e a aprendizagem nas crianças é o afeto e o conhecimento adquirido ao longo dos anos de trabalho. Dessa forma, ao falar sobre a importância da afetividade no processo ensino aprendizagem, percebe-se que esta pode gradativamente ser ampliada e motivar ou desmotivar a criança, depende é claro, da forma como o docente trabalha.

Sendo assim, ao discorrer sobre a afetividade no contexto familiar diário, pensando o aprendizado da criança, observamos que a família, assim como a escola, tem papel sumamente relevante na formação do educando. Assim, a afetividade no cotidiano escolar e familiar tem significativa importância, vez que só se aprende quando se é motivado, ou quando se tem prazer, quando se é ensinado com amor, cria-se laços que se tornam fundamentais para que a criança se desenvolva.

A afetividade se constrói a partir das vivências, em que o professor, no papel de educador, estabelece vínculos com o educando. Estabelecendo relações recíprocas de carinho e respeito cria-se uma boa relação entre professor-aluno e aluno-professor. E isto pode, de maneira diária, propiciar diferentes formas de aprendizado e melhorar o rendimento escolar.

Nesse sentido, espera-se que as discussões aqui realizadas possam instigar novas reflexões acerca da afetividade e sua importância no desenvolvimento escolar, bem como potencializar e avaliar como o processo de formação do ser humano, articula-se à dimensão cognitiva, influenciando em seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. *Alfabetização emocional*. São Paulo: Terra, 2002.

_____. *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

Brasil. *Referenciais para formação de Professores*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental. 1999

BOCK, Ana Mercês Bahia. *Psicologias: Uma introdução ao estudo de Belo Horizonte*. Lê, 1999. Campos, Dinah Martins de Souza.

CARVALHO, M. P. de. *O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula*. Gender concept in the school day to day life. Revista de Educação Pública, [S.l.], v. 21, n. 46, p. 401-412, sep. 2012. ISSN 2238-2097. Disponível em: http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/_educacaopublica/article/view/416. Acesso em: 05 nov. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.29286/rep.v21i46.416>.

CHALITA, Gabriel. *Educação. A solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2004.

EISENBERG, N., FABES, F. A., SHEPARD, S. A., GUTHRIE, I. K., MURPHY, B. C., & Reiser, M. (1999). *Parental reactions to children's negative emotions: Longitudinal relations to quality of children's social functioning*. *Child Development*, 70(21), 513-534.

FREIRE, P. *Extensión o comunicación?* Argentina: Siglo XXI, 1973.

HARGREAVES, A. *O Ensino na era do conhecimento*. Porto: Porto Editora, 2004.

MAHONEY, A. A., &ALMEIDA, L. R. Sentimentos e emoções: um estudo com professores do ensino superior. *Anais da XXVIII Reunião Anual da Anped*. Caxambu, MG. 2004.

MOROZ, M., RUBANO, D. R., MAURUTTO, A., LUCCI, M. A., GIANFALDONI, M. H. T. A., Utida, H. H. e cols. (2002). *Subjetividade: a interpretação do behaviorismo radical*. *Anais da XXV Reunião Anual da Anped*. Caxambu, MG.

MARCHESI, Á. *O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores*. Tradução Naila Tosca de Freitas –Porto Alegre: Artmed, 2008

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010

NASCIMENTO, R. de C. S. *Entre xingamentos e rejeições: um estudo da violência psicológica na relação entre professor e aluno com dificuldade de aprendizagem*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013 Disponível em:https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742019000400204

OSTI, A. BRENELLI, R. P. *Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem*. Psico-USF, Itatiba, v. 18, n. 3, set./dez. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742019000400204.

POLONIA, A. C. *As relações escola-família: o que diretores, professores, pais e alunos pensam?* Tese de doutorado não-publicada, Universidade de Brasília. 2005.

PIAGET, J. *Estudos de psicologia genética*. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

_____. *A epistemologia genética: sabedoria e ilusões da filosofia, problemas de psicologia genética*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RIBEIRO, M. L. *A afetividade na relação educativa*. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 27, n. 3, p. 403-412, 2010.

SOARES, C. B., ÁVILA, L. K., & SALVETTI, M. G. *Necessidades de saúde de adolescentes do D. A. Raposo Tavares, SP, referidas à família, escola e bairro*. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 10(2), 19-34.

TASSONI, E. C.M. SILVA, J. O. M.; FORNER, V. A. Afetividade e a mediação do professor: as contribuições da música para as práticas de leitura. In: LEITE, S. A. S. (org.). **Afetividade**: as marcas do professor inesquecível. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 109-134.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70. 1968.

WALLON, H. *Origens do pensamento na criança*. S. Paulo: Manole. 1989.

ZAGURY, T. *Escola sem conflito: Parceira com os pais*. Rio de Janeiro. Record, 2002.